

Espiritualidade e violência doméstica no Brasil

Spirituality and Domestic Violence in Brazil

Robert A. Butterfield¹

RESUMO

A violência doméstica tem atingido proporções epidêmicas no Brasil e, quando buscamos uma explicação para esta lamentável situação, devemos levar em conta o fato que a religião tem um papel significativo em influenciar a opinião e o comportamento das pessoas. Além disso, a religião popular, isto é, a religião das massas, é fundamentalista, e o fundamentalismo ocupa cada vez mais espaço mesmo entre grupos cristãos mais tradicionais. Este artigo, ao procurar compreender porque muitos homens brasileiros sentem-se justificados em cometer violência contra mulheres, indica que precisamos desconstruir as interpretações fundamentalistas de textos-chave da Bíblia, além de apontar para o potencial criador e libertador destes textos.

PALAVRAS-CHAVE

Espiritualidade. Violência doméstica. Interpretação bíblica.

ABSTRACT

Domestic violence has reached epidemic proportions in Brazil, and when we seek an explanation for this unfortunate situation, we must take into account the fact that religion has a significant role in influencing people's opinion and behavior. Moreover, popular religion, that is, the religion of the masses, is fundamentalist, and fundamentalism occupies more and more space even among more traditional Christian groups. This paper, in seeking to understand why many Brazilian men feel justified in committing violence against women, indicates that we need to deconstruct the Fundamentalist interpretations of key texts of

¹ Doutor em teologia pela Lutheran School of Theology at Chicago, IL (USA).

the Bible and pointing to the potential creator and liberator of these texts as well.

KEYWORDS

Spirituality. Domestic Violence. Biblical Interpretation.

Este artigo procura demonstrar que há uma forte correlação entre o comportamento do brasileiro e o que ele aprende na igreja. Começamos, então com uma definição: “Espiritualidade” significa se viver consciente e intencionalmente em diálogo com Deus. Para pessoas muito ocupadas ou estressadas, tal maneira de viver pode parecer um luxo que não está ao seu alcance. Mas, como todos os humanos são feitos à imagem e semelhança de Deus, nenhuma ação nossa poderia ser mais natural ou mais terapêutica do que falar com Deus. De fato, voltarmos a falar com Deus já constitui arrependimento e tem o efeito de libertar-nos do fardo de pesar, culpa, rancor, preconceito e sofrimento que carregamos, além de renovar o nosso relacionamento com Deus.

Para nós, cristãos, a Bíblia constitui a principal e imprescindível fonte do conhecimento de Deus. Então, qualquer diálogo com Deus baseia-se inevitavelmente em um ou vários textos bíblicos, mesmo que estes estejam implícitos. Isso porque a Bíblia é o meio pelo qual Deus se nos revela com mais segurança. Em comparação, epistemologias fora da Bíblia são notoriamente não confiáveis. De fato, um dos melhores serviços que a Bíblia nos presta é o de proteger-nos contra as visões humanas de Deus, por mais sinceramente sentidas que elas sejam, se são diferentes do que sabemos com base em Jesus Cristo, como retratado no Novo Testamento.

O problema básico

Como é bem sabido e facilmente comprovado, a taxa de homicídio no Brasil é muito alta, sendo que uma grande porcentagem destes homicídios são feminicídios: mulheres assassinadas por ex-namorado ou ex-marido. De fato, a violência doméstica tem atingido proporções

epidêmicas². Ao buscarmos uma explicação para esta lamentável situação, devemos levar em conta o fato de que no Brasil - mais do que em qualquer outro país que conheço - a religião tem um papel significativo ao influenciar a opinião e o comportamento das pessoas. Cabe destacar que a religião popular, isto é, a religião das massas, é fundamentalista, e que o fundamentalismo tem cada vez mais espaço mesmo entre grupos cristãos mais tradicionais. Então, para compreendermos porque muitos homens brasileiros se sentem justificados em cometer violência contra mulheres, devemos estudar as interpretações fundamentalistas de textos-chave da Bíblia que dizem respeito a:

- 1) o que significa se ser humano;
- 2) a questão de homens e mulheres que vivem ou trabalham juntos;
- 3) a dignidade e valor da mulher.

Os fundamentalistas brasileiros fazem questão de desvalorizar o estudo crítico da Bíblia, preferindo falar com Deus por meio de experiências extáticas. Fazem assim, muito embora Jesus não tenha mostrado o mínimo interesse por tais experiências. O apóstolo Paulo disse que ele preferia falar cinco palavras inteligíveis a dizer dez mil palavras em outras línguas (*glossolalia*)³. Paulo acha que as experiências extáticas não servem para instrução na igreja, a menos que sejam interpretadas⁴. Mas para isso acontecer, seria preciso relacioná-las racionalmente com a mensagem bíblica, o que os fundamentalistas não fazem. Em todo o caso, é por boas razões que a espiritualidade cristã se baseia no Deus retratado e revelado no texto bíblico: nenhuma experiência extra-bíblica pode substituir um conhecimento esclarecido da Palavra de Deus da forma como ela se encontra na Bíblia.

Uma evidência maior deste fato é a consideração de que todos os evangelhos canônicos se referem aos discípulos de Jesus com a palavra grega que significa estudantes, deixando claro que o trabalho dos discípulos

² Para um estudo detalhado deste fenômeno entre evangélicos, cf. VILHENA, Valéria Cristina, *Uma Igreja sem Voz*. São Paulo: Fonte Editorial, 2011, p. 25-72.

³ 1 Cor 14, 19.

⁴ 1 Cor 14, 19.

requer o uso da razão. No famoso episódio relatado em At 2,1-4, pessoas inspiradas pelo Espírito Santo falam não em línguas incompreensíveis, mas em línguas estrangeiras reconhecíveis que não sabiam. Tal fenômeno é, com certeza, uma dramática demonstração do poder do Espírito Santo. No entanto, no contexto textual da Bíblia inteira, este evento indica que Deus está revertendo a ordem que deu em Gn 11,1-9, onde enviou a confusão das línguas. Então, este falar em línguas estrangeiras desconhecidas afirma o desejo de Deus de manter a diversidade ridícula de sua criação, bem como a ideia de Jesus ter se sacrificado em benefício de todos os povos e culturas. Aliás, nada neste texto implica que os discípulos deveriam tentar repetir este fenômeno linguístico.

Outro exemplo no Novo Testamento de pessoas que falam em línguas reconhecíveis encontra-se em At 10,46, onde o Espírito Santo vem sobre aqueles que ouvem a mensagem, inclusive gentios. Isto é, somente aqueles que ouviram e compreenderam a mensagem de maneira racional são capazes de falar estas línguas. O fato de os gentios que ouviram falarem nestas línguas destina-se a convencer os discípulos de que os gentios também estão incluídos no plano divino de salvação e que, por essa razão, podem também experimentar o poder do Espírito Santo. Mas nada neste episódio sugere que o falar em línguas reconhecíveis acompanha necessariamente o derramamento do Espírito Santo ou que os discípulos deveriam tentar falar em tais línguas. De fato, a essência deste episódio é que mesmo o falar em línguas sob o poder do Espírito Santo depende do conhecimento racional da mensagem bíblica.

Textos relevantes

Dito isso, não é de surpreender que o ponto de partida de nossa conversa com Deus é um texto bíblico, nomeadamente, Gn 1,26-27. Começamos com o erro mais básico dos fundamentalistas, que é o de lerem “homem” no v. 26 como se se referisse ao varão da espécie humana, ao passo que no texto hebraico a palavra é “adão”, ou seja, a humanidade toda. Este mesmo erro se repete em muitas versões portuguesas da Bíblia, sem mesmo uma nota de rodapé para explicar em que sentido o tradutor utiliza a palavra “homem”. Disso deriva que os fundamentalistas

acreditam que o humano autêntico é o varão, opinião que a menção a “homem e mulher” no v. 27 em nada contribui para mudar.

Esta interpretação não percebe elementos cruciais que a análise histórico-crítica pode revelar, nomeadamente: 1- Nas outras culturas do Oriente Médio antigo somente o rei era considerado como feito à imagem e semelhança de Deus, mas o texto hebraico enfatiza que todos os seres humanos são feitos assim e, portanto, dotados de dignidade divina, de forma a rejeitar a noção de hierarquia social e a promover a inclusão e igualdade de todas as pessoas perante Deus; 2- o texto apresenta homens e mulheres como sendo co-iguais, desta forma protestando contra qualquer forma de misoginia ou inferiorização da mulher.

A segunda narrativa da criação, Gn 2,4b-3,24, oferece ainda mais uma oportunidade para erros de interpretação. Neste texto, Deus forma “adão” do pó da terra. Esta criatura (literalmente: aquele-feito-de-terra) não se autoconhece, não está consciente de ser humano, menos ainda de ser varão, isto é, até este adão ver Eva e se tornar finalmente Adão! Assim, Eva constitui o espelho em que o adão descobre sua identidade como Adão humano e varão. No nível mais básico, a mensagem é que os seres humanos são seres sociais. De fato, Deus diz isto explicitamente: “Não é bom adão ficar sozinho”. O que aprendemos da grande reação de Adão ao ver Eva no v. 23 é que as criaturas que desejam ser humanas se descobrem através de interações com outras pessoas e que em tais interações as mulheres tem um papel humanizante essencial.

O caráter importantíssimo deste papel é reforçado pela maneira como Eva é retratada no texto. Ela é não só ajuda divina (*ezer*), mas também está perfeitamente adaptada ao seu papel. Aqui deparamos com um grande erro de tradução, que tem contribuído para a falta de compreensão dos fundamentalistas. Este erro tem a ver com a frase hebraica *knegdo*, que descreve a maneira como Eva se relaciona com Adão. A maioria das versões de língua portuguesa traduz esta frase como “semelhante a ele”. Mas o verdadeiro sentido da frase é, antes, “oposta a ele”, ou melhor, “complementária a ele”. Então, a ideia da frase não é que Eva assemelha-se a Adão, mas que ela é diferente dele de tal maneira que ela lhe é imprescindível. Ela o complementa, de modo que, sem ela, ele não seria nem humano nem varão. Uma analogia industrial pode facilitar a nossa compreensão desta ideia: há peças masculinas e peças

femininas; as peças femininas se encaixam com as masculinas e as complementam; sem as peças femininas, as peças masculinas não servem para nada.

Para tornar ainda mais claro o significado desta diferença interpretativa em relação à misoginia e violência contra a mulher, cabe dizer que o homem misógino, enquanto inferioriza a mulher, está de fato solapando sua própria humanidade e masculinidade, as quais dependem inteiramente do equilíbrio complementar que, segundo a Bíblia, deve existir entre homem e mulher. Então, em cada ato de misoginia ou violência contra a mulher há pelo menos duas vítimas: com certeza, a mulher, mas também o homem, que está se desumanizando e se desvirilizando a si mesmo por atacar a mulher, que é a base necessária da sua humanidade e masculinidade.

Lamentavelmente, a interpretação fundamentalista de Gn 2,4b-3,24 assume que, desde o momento em que o Adão aparece, já é humano e varão, e, então, que Eva não passa de sua criada e acasaladora. O que é ainda mais triste, esta deturpação do sentido do texto procura confirmar-se no fato de que, depois da desobediência de Adão e Eva, ocorrem certas consequências rigorosas. Especificamente em Gn 3,16 Deus lhes diz que, devido à desobediência deles, o marido mandará na sua esposa. Mas esta é exatamente a horrível situação que Deus sempre quis evitar, na qual Adão e Eva caíram desajeitadamente. Em poucas palavras, longe de representar a vontade de Deus quanto à relação homem-mulher, este texto descreve o que é diametralmente oposto à vontade divina. A ideia de o marido mandar em sua esposa contradiz a visão apresentada em Gn 2,18-23, onde a relação homem-mulher se caracteriza por complementariedade, descobrimento mútuo e alegria.

A partir de Gn 12, deparamos com mais textos suscetíveis de desentendimento fundamentalista. Por exemplo, Sarai é humilhada duas vezes por seu marido ao viajarem para fora do seu país. Nestes dois momentos, Abrão a apresenta como se fosse sua irmã, pois ele tinha medo de que o matassem se dissesse que ela era sua esposa. Desta forma, o rei local convida Sarai a fazer parte de seu harém, o que lhe causa humilhação. Rebeca sofre a mesma humilhação com Isaque. Mas, longe de ser justificação para um marido humilhar sua esposa, estes são exemplos de graves defeitos do caráter de Abrão e Isaque. São também os primeiros

exemplos da insistência dos autores bíblicos em expor a roupa suja dos israelitas.

As(os) feministas sabem que a Bíblia Hebraica contém textos em que as mulheres são submetidas aos mais terríveis abusos. Nestes “textos de terror”, na famosa frase de Phyllis Trible, acontecem as coisas mais horríveis. Em Juízes 11, por exemplo, Jefté sacrifica sua filha, sua única filha, simplesmente por ter prometido a Deus que sacrificaria a primeira pessoa a sair de sua casa se somente Deus lhe desse a vitória sobre os amoritas. Então, esta violência contra a mulher, longe de ser glorificada ou mesmo aprovada, apresenta-se como uma triste consequência de uma barganha egoísta e estúpida, ou seja, como o tipo de horror absurdo que acontecia no tempo em que não havia rei em Israel.

Em Jz 19, um homem que viaja com sua concubina pernoita na casa de um ancião na cidade de Gibéa quando uma multidão selvagem sitia a casa e exige que o ancião ponha para fora o hóspede para a multidão abusar dele. Com exagerado sentido de hospitalidade, o ancião oferece à multidão sua própria filha virgem e a concubina. Os canalhas agarram a concubina e a estupram coletivamente. Na manhã seguinte, o viajante descobre o cadáver da concubina, leva-o para casa e o corta em doze pedaços, enviando um pedaço a cada uma das doze tribos de Israel para lhes dizer que tal violência não deveria acontecer. Mais uma vez, a violência contra a mulher é horrível, mas é também condenada.

Ocorre algo parecido em Gn 19, onde dois anjos visitam Ló em Sodoma. Uma multidão raivosa exige que Ló lhe dê os dois “homens” para a multidão abusar deles. Movido por um exagerado sentido de hospitalidade, Ló oferece aos canalhas suas duas filhas virgens. Para elas, felizmente, a cidade é destruída antes de Ló cumprir sua promessa, mas a disposição de Ló em cumpri-la é preocupante. O fato de Deus intervir e destruir a cidade justamente no momento propício talvez seja uma crítica divina à decisão de Ló. Os fundamentalistas poderiam interpretar esta passagem como justificação do sacrifício de mulheres quando quer que seja preciso, mas tal interpretação estaria errada porque os livros de Gênesis e Juízes apresentam tais narrativas para demonstrar que, no período anterior à codificação da lei, aconteceu todo tipo de evento brutal, arbitrário e criminoso. A razão por tal posicionamento editorial é que os autores pós-exílicos procuram convencer os judeus da necessidade de

Israel adotar a lei codificada que estes autores estavam promulgando. Por essa razão, os livros de Gênesis e Juízes têm tantos atos brutais. O próprio fato de a Bíblia Hebraica ter tais textos de terror não deveria ser entendido como aprovação de tal comportamento. Longe disso, estes textos devem ser vistos como evidência dos grosseiros defeitos que os autores pós-exílicos tentavam controlar. Ademais, estes textos revelam a extrema franqueza dos autores bíblicos.

Há outros textos de terror, sendo um dos mais notáveis a estória da segunda Tamar em 2 Sm 13, que foi estuprada por seu irmão e traída por toda a sua família. Mas estas estórias, assim como todos os textos de terror, pertencem à categoria de “coisas que não deveriam acontecer em Israel”. Porém, muito mais interessante do que as estórias de mulheres abusadas são os textos que falam de mulheres que conseguem fazer coisas grandes, heroicas e socialmente úteis. A mera existência de tais textos na Bíblia constitui um poderoso argumento contra a misoginia.

Um destes *role-models* (exemplos) é a primeira Tamar (Gn 38), uma jovem viúva. Seu sogro, Judá, tem a responsabilidade legal e religiosa de protegê-la, dando-lhe um de seus outros filhos em casamento, de maneira que o nome de seu marido falecido não desaparecesse e ela fosse sustentada. Mas Judá não cumpriu sua responsabilidade e, se alguém em Israel, sobretudo uma viúva, não era tratado com justiça, o próprio Israel corria o risco de deixar de ser o povo de Deus. Nesse sentido, a situação de Tamar tem implicações sociais e religiosas importantes.

De qualquer forma, Tamar toma a audaciosa decisão de cobrir o rosto, disfarçando-se de prostituta e oferecer os seus serviços a Judá, para obrigá-lo a cumprir seu dever. Tudo corre bem. Ele não reconhece sua nora e depois do ato sexual promete à “prostituta” enviar-lhe uma ovelha em pagamento. Mas ela exige uma caução, ou seja, qualquer amostra da sinceridade dele. De fato, ela exige o selo, o cordão e o cajado dele, que são todos símbolos da autoridade e responsabilidade de Judá. Dias depois, Judá manda um servo ao bairro da “prostituta” para entregar-lhe uma ovelha. Depois da tentativa da entrega, o servo volta para casa e diz a Judá não se conhece nenhuma prostituta naquele lugar. Durante certo tempo nada mais acontece, até que Judá fica sabendo que sua nora Tamar estava grávida. Então, quando estava a ponto de castigá-la por adultério, ela anuncia-lhe discretamente, para não envergonhá-lo publicamente,

que quem a engravidou foi o mesmo homem a quem pertenciam o selo, o cordão e o cajado. Judá fica humilhado e admite que Tamar sabe melhor do que ele o que significa ser o povo de Deus. Tamar é um *role-model* (exemplo) extraordinário. Ela demonstra um poderosíssimo desejo pela justiça, além de notável engenhosidade, coragem e ousadia.

Outra mulher excepcional é Raabe (Js 2). Ela era uma prostituta gentia na cidade de Jericó. Josué, general do exército israelita que estava por invadir a cidade, envia dois espiões para fazer um reconhecimento do lugar. Os espiões entram na cidade e chegam à casa de Raabe, num apartamento na muralha. A notícia da chegada dos espiões chega aos ouvidos do rei de Jericó, que vem ter imediatamente com Raabe, ordenando-a entregar-lhe os espiões. Audaciosamente, ela mente na cara do rei, dizendo que ela viu os espiões, mas que eles já haviam partido da cidade e que o rei deveria enviar seus homens para procurá-los. Ela, então, esconde os espiões no teto de seu apartamento debaixo de caules de linho. Quando estava segura de que os homens do rei haviam partido da cidade, ela foi ter com os espiões, dizendo-lhes coisas maravilhosas de que nem eles nem seus comandantes sabiam, isto é, que os habitantes de Jericó tinham medo dos invasores e que o Deus de Israel daria a vitória aos israelitas. Ao negociar, ela faz um acordo com os espiões: em troca da ajuda que ela lhes deu, eles salvariam a vida dela e da sua família quando invadissem a cidade. Depois disso, ela os fez sair da cidade com segurança.

Além de sua audaciosa disposição em mentir para o rei e esconder os espiões e de sua esperteza em confundir os homens do rei e fazer os espiões sair da cidade com segurança, o que Raabe tem de assombroso é que, a despeito de ser mulher, gentia e prostituta, ela sabe mais sobre Deus do que os espiões ou seus comandantes. Assim, ela faz parte da grande tradição literária judaica segundo a qual uma estrangeira pode, às vezes, ter mais intimidade com Deus do que os próprios israelitas. Este exemplo da tradição serve como poderosa lembrança de que o Deus de Israel é Deus de tudo e de todos e, por isso, a missão de Israel no mundo deve ser radicalmente inclusiva. O fato de os autores bíblicos utilizarem uma prostituta gentia para deixar bem claro este elemento chave de sua teologia fala eloquentemente da importância da mulher entre os israelitas. É escusado dizer que a identidade dela como prostituta, gentia

e mulher constitui um vigoroso argumento contra a exclusão social, a xenofobia e a misoginia.

Raabe é um *role-model* (exemplo) brilhante, mas o exemplar mais destacado de uma estrangeira que consegue grandes coisas é Rute. O que a torna assim tão extraordinária é que, além de mulher e estrangeira, é moabita, e os moabitas eram os mais detestados inimigos de Israel⁵, de maneira que Rute representa a tentativa mais audaciosa da Bíblia inteira de superar o preconceito. Assim, a imensa fidelidade de Rute a sua sogra Noemi, sua disposição a trabalhar, perseverar e assumir riscos por Noemi, seu conhecimento do Deus de Israel e dos costumes e crenças dos israelitas, muito embora Rute nunca se converta ao judaísmo, não são somente exemplos desta grande tradição literária na qual uma estrangeira pode, sob o poder do Espírito Santo, saber mais sobre Deus do que muitos israelitas, como também demonstram de modo genial a firme resolução de Deus de vencer todos os obstáculos do preconceito para que os seres humanos aprendam a amar e respeitar-se mutuamente. O resultado da fidelidade de Rute a Noemi e ao Deus de Israel é que Rute se casa com Boaz, um homem bom que resgata o nome e propriedade do falecido marido de Noemi, protege Noemi e Rute e com Rute gera um filho, de maneira que Rute passa a ser a bisavó do rei Davi.

É claro, Rute é o exemplar por excelência da fidelidade, da persistência esperançosa, da intimidade com Deus, da coragem e da disposição a se arriscar pelas outras pessoas. Sua estória revela que os acontecimentos mais surpreendentes e mais agradáveis a Deus podem resultar se somente as pessoas deixam de lado seus preconceitos, acolhem o(a) estrangeiro(a) e respeitam a dignidade das pessoas. Como este texto foi escrito durante o pós-exílio, quando a comunidade judaica era xenófoba e misógina, a personagem Rute pode ser compreendida não só como humilde serva de Deus, mas também como audaciosa reformadora social que tenta despertar Israel de seu preconceito e fazê-lo reassumir o papel radicalmente inclusivo que Deus lhe delegou. O livro de Rute é não só uma estória em que o generoso, mas tímido Boaz, é persuadido a ajudar duas viúvas necessitadas, de maneira que todos pudessem viver

⁵ Dt 23, 3-6.

alegremente, mas também o evangelho de uma mulher inspirada que abre a maravilhosa possibilidade de um mundo sem preconceito.

Temos também a famosa estória de Débora em Juízes 5. Ela é juiz de Israel, isto é, líder político e comandante do exército. Quando Israel é atacado pelo general estrangeiro Sisera, Débora encoraja o tímido general Barak a entrar em guerra contra Sisera, dizendo-lhe ironicamente que Deus dará a vitória a uma mulher - e não a Barak. De fato, as forças de Sisera são derrotadas, Deus dá a vitória a Débora, enquanto Sisera se refugia na tenda de uma mulher chamada Jael, cujo marido é amigo de Sisera. Mas sentindo que Deus está do lado dos israelitas, Jael contribui para com a vitória israelita ao bater um pino na cabeça de Sisera enquanto ele se escondia debaixo de um tapete. Assim, as heroínas desta guerra são a mulher Débora e a estrangeira Jael.

As(os) feministas são a favor de todos estes exemplos de mulheres fortes e corajosas, mas há outro exemplo que não lhes agrada, a descrição da esposa ideal em Pv 31,10-31, onde a mulher israelita é vista numa função caseira. Como na história do antigo Israel mais de noventa por cento da população lutava para sobreviver em pequenas fazendas familiares, a esposa ideal era retratada como uma mulher que, por sua inteligência, trabalho e devoção, ajudava a tornar a fazenda familiar bem sucedida, desta forma salvaguardando sua família. Uma esposa assim valia mais do que joias preciosas.

Cabe destacar que durante quase toda a história de Israel não havia outras possibilidades para mulheres - ou para homens - senão a de trabalhar numa fazenda. E dado que a entidade social-chave da sociedade israelita era a fazenda familiar, a objeção feminista parece bastante frívola. Se a sociedade israelita fosse uma economia outra que não a agrícola, com muitas empresas ansiosas para empregar e promover mulheres, e se os maridos israelitas não permitissem que suas esposas trabalhassem fora da casa, então a objeção feminista faria mais sentido. Em todo o caso, a descrição da esposa ideal de Pv 31,10-31 tem a importante virtude de reconhecer a mulher por seu caráter e competência. Notemos que esta não é uma pequena virtude porque, mesmo nas culturas mais favoráveis à mulher hoje em dia, nem sempre a mulher é julgada simplesmente pela qualidade de seu caráter. Então, o texto Pv 31,10-31 deve ser reconhecido como muito mais progressista e pró-mulher do que as(os) feministas admitem.

No Evangelho de Marcos, notamos que as pessoas mais importantes na vida de Jesus eram mulheres. Elas são seus verdadeiros discípulos, enquanto os discípulos masculinos não o compreendem, o abandonam e o negam. Além do mais, é uma mulher, a siro-fenícia, que ensina a Jesus que seu ministério não deve ser limitado às ovelhas perdidas da casa de Israel, mas deve incluir os gentios (Mc 7,24-31). Também mulheres são as primeiras pessoas a visitar o seu túmulo e, assim, as primeiras a ouvir a notícia de sua ressurreição. Aparentemente, o Jesus de Marcos entendeu estas passagens da mesma maneira como as temos interpretado, pois ele tinha imenso respeito pelas mulheres.

Aliás, não é difícil demonstrar que as mulheres têm um papel não menos significativo nos outros Evangelhos. Muito embora Jesus fosse grandemente pró-mulher, os fundamentalistas brasileiros citam frequentemente 1Cor 14,34-36 como justificação para a inferiorização da mulher na igreja. Neste texto Paulo diz que as esposas não deveriam falar na assembleia pública. Cabe lembrar, porém, que em Gl 3,28 Paulo afirma que não deveria há nenhuma distinção social dentro da igreja porque somos todos um corpo em Cristo. Assim, em 1Cor 14,34-36, Paulo se contradiz de forma vergonhosa, capitulando ao sentimento e regulamento greco-romanos, proibindo esposas as de manifestarem ou falar publicamente. Podemos até defender Paulo, afirmando que a comunidade de Corinto era tão caótica que, para impor certa ordem, Paulo teve de se desviar do grande princípio articulado em Gl 28. Mas, com certeza, Paulo não queria que a afirmação que fez no caso muito peculiar dos coríntios cancelasse o importantíssimo princípio teológico enunciado em Gálatas. Aliás, o que Paulo diz em 1Cor 14,34-36 é problemático porque Paulo sabia que as mulheres de Corinto tinham um papel crucial no cumprimento da missão da igreja na cidade, de maneira que sua concessão ao sentimento greco-romano teve o efeito lamentável de enfraquecer a missão da comunidade. Podemos inferir que nem todas as opiniões de Paulo são assim tão judiciosas ou destinadas a serem universalizadas.

Considerando tudo o que foi dito, podemos afirmar sem medo de contradição que, exceção feita ao disparate de Paulo em 1Cor 14,34-36, tanto a Bíblia Hebraica quanto o Novo Testamento têm uma opinião positiva sobre a mulher.

Cuidado pastoral para com os perpetradores ou vítimas de violência contra a mulher

Como a ignorância geral reina entre os brasileiros quanto ao verdadeiro significado dos textos bíblicos apresentados neste artigo e que a misoginia é endêmica no país, o cuidado pastoral, seja de perpetradores ou vítimas da violência, parece-me bastante problemático. Além da ignorância geral, outros fatores dificultam o problema, por exemplo: 1) há muito tempo as igrejas fundamentalistas e evangélicas ensinam a seus membros interpretações deturpadas e misóginas; 2) a opinião pública no Brasil existe numa relação incestuosa com os posicionamentos das igrejas fundamentalistas e evangélicas, de modo que para o brasileiro fundamentalista ou evangélico, a misoginia e a violência produzida por ela parecem solidamente baseadas tanto na cultura quanto na Bíblia. Desta forma, muitos brasileiros aceitam a subordinação da mulher e a violência contra ela como legítimas e – Deus nos proteja! – divinamente ordenadas.

O pastor ou a pastora que pretende transformar esta situação pecaminosa de longa data tem de lutar contra esta ignorância enraizada, utilizando todos os meios disponíveis e, sobretudo, os estudos bíblicos, os sermões, a escola dominical, as reuniões, as discussões e o exemplo pessoal. Na falta de um enorme esforço educacional, o cuidado pastoral com pessoas culpadas ou vítimas de violência contra a mulher não terá muita chance de ser bem sucedido. Tal esforço deve incluir a formação de líderes leigos que proclamarão nos lares, como também em cada canto da sociedade civil o evangelho o que a Bíblia ensina sobre a mulher. Como são os homens que causam o problema, o elemento mais importante desta proclamação talvez seja o fato de a misoginia prejudicar não só as mulheres, mas também os homens. O homem misógino brasileiro, que se glorifica de sua suposta superioridade sobre a mulher, não está consciente de estar prejudicando a si mesmo.

A misoginia e a violência doméstica fazem parte integrante da cultura e teologia de muitos brasileiros, então não é suficiente que pastores e leigos formem os membros de sua comunidade e tratem bem as mulheres; nós, cristãos, somos chamados a sermos radical e publicamente anti-misóginos e pró-mulheres, de maneira que o Evangelho chegue aos ouvidos das massas. Isto exige que lutemos juntamente com grupos

interessados da sociedade civil como também com outras igrejas, sinagogas e mesquitas. Até o movimento pró-mulher se tornar visível e enfático na rua e na *mídia* e também disposto a dizer publicamente o nome dos perpetradores, antes de finalmente os perdoar, eles não estarão conscientes de terem pecado e suas vítimas continuarão a se sentirem indefesas. Este é um momento crítico, ou melhor, *kairótico* da história do Brasil, no qual pastores pastoras e suas comunidades têm de ser ativistas e teólogos públicos e as comunidades cristãs têm de correr riscos que não lhe são comuns, porque a violência contra a mulher, além de crime, deturpa a vida humana, contradizendo as mais básicas intenções de Deus reveladas na Bíblia.

Referências

- BUTTERFIELD, Robert A. *Entendendo a Bíblia Hebraica*. Vitória: Unida, 2018.
- HOLLADAY, William. *Concise Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1976.
- VILHENA, Valéria Cristina. *Uma igreja sem voz*. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.